



DEYSE CAMPOS

Assessora de Educação Infantil da divisão de  
Sistemas de Ensino da Editora Positivo  
E-mail: dcampos@positivo.com.br

# A criança de 6 anos de **idade**

O período que compreende os seis primeiros anos de vida ocupa uma posição importante no esquema do desenvolvimento humano. Basta observar que é de pequeno que se aprende a ser grande, ou seja, na infância se constrói e se organiza um aparato de ferramentas e recursos que serão usados no percurso da vida.

Cada idade tem seu brilho e vários autores minuciosamente estudaram suas características.

A idade dos seis anos configura-se como uma idade de transição.

Caem os dentes de leite, começam a romper os primeiros molares permanentes. Surgem também novas expectativas, novos impulsos, novos sentimentos. Quando está contente, a criança não se limita a sorrir – toda ela dança de alegria. Chora copiosamente, quando se sente infeliz, gesticula e esperneia com desgosto. Também durante o sono serve-se do domínio que agora possui de todos os seus músculos, grandes e pequenos, por isso seu corpo todo se projeta nos sonhos. Daí a forma brusca e violenta como acorda dos pesadelos que, nesta idade, atingem seu máximo de frequência. Durante o dia muda com facilidade de um estado de humor para outro. Serve-se de posturas do corpo, de gestos e de palavras para dar a expressão às idéias e emoções que se vão dentro dela.

Sua forma de aprender não está vinculada a um tipo formal de ensino de conteúdos e programas do currículo da escola, ao contrário, para a criança aprender é necessário dar vida a estes, associando-os à atividade criadora e com experiências motoras e sociais.

Falemos, então, deste modo ímpar que eterniza as aprendizagens: o brincar! Muito do que se aprende até os seis

anos de idade fica na memória, porque são situações de aprendizagem que são conquistadas pela via da brincadeira, da ludicidade, a qual combina perfeitamente com lucidez. Ora, pode-se concluir que brincar é o jeito mais saudável de exercitar o pensamento. Para isso, a importância do brincar é evidenciada pelo filósofo Nietzsche, que diz que é mais tarde que se compreende o quanto o brincar foi precioso e salienta que se deve continuar brincando, pois “o máximo de maturidade que um homem pode atingir é quando ele tem a seriedade que têm as crianças quando brincam”.

Sob nossa ótica, “brincar” é essencial. Brincar é bom de olhar, é bom de ouvir, é bom de sentir. Brincar é bom de aprender. Brincar tem o mesmo som das batidas do coração, é vivo e pulsa em cada ser humano, que pode brincar, e por excelência, aprende em diferentes tempos e espaços.

A poeta Adélia Prado diz que “aquilo que a memória ama fica eterno”. Fácil crer que é por essa razão que com agilidade lembra-se das cantigas de roda, tais como: “atirei o pau no gato”, “ciranda, cirandinha”, mas é necessário um primoroso esforço para lembrar as fórmulas de física, química, matemática, os afluentes do Rio Amazonas e ainda as regras de ortografia.

E, logicamente, não é porque a cantiga era fácil que ficava registrada. Ao contrário, é porque ela era usada nos momentos de grande concentração. Por meio delas se integravam as diferentes áreas de aprender, a linguagem, o movimento, a arte, a socialização, o ritmo (que é matemática pura!), a natureza e sociedade (as tradições, culturas presentes nas canções), desenvolvendo também a identidade e a autonomia. Para ZABALZA (1987), a criança pequena

aprende e desenvolve de forma integrada suas habilidades e competências que se manifestam desde a mais tenra idade.

As situações de aprendizagem vividas nessa etapa são, em sua maioria, organizadas para que as crianças tenham experiências de troca com pares, pequenos grupos e com a turma inteira, o que é sobretudo importante para que aprendam a trabalhar em equipe e compartilhar o que aprendem.

Em meio ao uso “brincante” do Livro Didático Integrado e situações diversas, como brincar com o Portal Positivo, as crianças são os agentes de sua própria aprendizagem, pois expõem o que sabem, ouvem e pensam sobre os comentários de outros, enfrentam problemas, consideram informações apresentadas pelo professor e, a partir disso, produzem.

A Editora Positivo, como gestora do SPE – Sistema Positivo de Ensino –, tem grande preocupação com o tempo do aprender, bem como com a qualidade que garante a eficácia da relação ensino e aprendizagem, tornando as situações didáticas, na Educação Infantil, em prazerosos momentos em que o brincar é o cerne de todo o trabalho.

Afinal de contas, o tempo de aprender e o tempo de viver não estão separados, e em todo momento é tempo de crescer. Há tempo para tudo. Tempo de plantar e de colher, tempo de rir e tempo de chorar, tempo de juntar e tempo de espalhar. Silêncio, diz o tempo, para que se possa ouvir o que somos. Se podemos ouvir o que somos, podemos, com atenção, ouvir quem são e como são as crianças diante de nós. Um adulto diante de uma criança é sempre um adulto diante da vida, das aprendizagens, das possibilidades, inclusive até de ser feliz!



**ACEDRIANA SANDI**  
é gerente pedagógica de  
Sistemas de Ensino da Editora Positivo  
E-mail: [asandi@positivo.com.br](mailto:asandi@positivo.com.br)

# Lagartas Processionárias?!?

As metáforas são utilizadas nos mais diversos contextos, pois favorecem reflexões e possibilitam algumas aprendizagens ou ensinamentos. Sabemos, no entanto, do cuidado que temos de ter para não reduzir, por meio de comparações, o desenvolvimento de seres humanos – culturalmente condicionados – ao de outros animais – geneticamente determinados. Entretanto, fazendo as devidas ressalvas, podemos encontrar na natureza boas lições para refletir.

Há uma espécie de lagarta, a do pinheiro, vulgarmente apelidada de lagarta processionária – com o nome científico de *Thaumetopoea pityocampa* – é um inseto bastante curioso em seu deslocamento. Em fila, praticamente grudadas umas às outras, andam em procissão, em busca de alimentos. Experiências já mostraram que quando formam um círculo, movimentam-se no sentido horário, ininterruptamente e, por mais que seja colocado alimento no centro desse círculo, sequer percebem a sua existência, por maior que seja a fome.

O determinismo genético desse animal serve como metáfora para refletir algumas ações que acontecem no contexto escolar. Não são poucos os profissionais que erguem bandeiras de luta cujo principal jargão é “eu sempre fiz assim e deu certo...” e perdem um número sem

fim de oportunidades de reavaliar a sua prática, melhorando-a, constantemente. Há aqueles que se colocam em procissão, repetindo ladainhas e, por não saber (ou não querer) fazer diferente, encampam discursos de terceiros como seus, sem o menor questionamento. Acabam se tornando um saber, repetido à exaustão, que passa a ser seu. Que chance terá a criação, a invenção – que tanto almejamos – de florescer numa prática estabelecida pela repetição?

São muitas as possibilidades em nossa volta para ampliar e melhorar o fazer pedagógico e, às vezes, por conta do “ativismo processionário” – fazer por fazer ou porque sempre fizemos assim – ficamos míopes em nossas observações e registros, conferindo à nossa experiência profissional apenas anos de repetição. Toda ação pedagógica é uma ação de comunicação e relacionamento, transbordante de indícios que permitem investigar nossas intervenções e, diuturnamente, reorganizá-las.

Outros profissionais, das mais diversas áreas, não se estabelecem como bons profissionais por terem anos de prática repetida, aprendida mecanicamente a partir “do ouvir falar”. Certamente diremos que um profissional é bom quando seu saber é construído por meio da pesquisa, do estudo e, sobretudo, da articulação entre os diversos conheci-

mentos. Assim, para sairmos desse “pensamento processionário”, que enrijece e cristaliza a nossa atuação, necessitamos mais do que vontade. Precisamos nos perguntar: de que forma as pessoas aprendem? O que a educação escolar pretende? Quais as interfaces da atuação docente? Estes e outros questionamentos são pautas para a discussão entre os profissionais que pretendem atuar na educação escolar e “desconstruir” o ciclo vicioso que muitas vezes insiste em nos mobilizar.

A pesquisa constante da ação pedagógica traz consigo possibilidades de mudança na forma de ver o nosso trabalho, capaz de gerar movimentos em outras perspectivas, exercitando a criação e a inventividade. Isso é que nos distingue dos demais profissionais aprisionados em sua prática. Para fazer ciência e arte na educação escolar é necessário vazar o pensamento, perspectivar, problematizar as verdades que nos são apresentadas como lei. Mais do que compromisso, é nosso dever resgatar essa nobre profissão, sem a qual nenhuma sociedade é capaz de dignificar seus cidadãos e desenvolver-se de forma sustentável. E ainda mais, se somos capazes de ser melhores e, por consequência, agir melhor, porque optar por ser uma “lagarta processionária”, contrariando a própria natureza humana? ☹